



NÔ PINTCHA

* ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E TURISMO *

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS; AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEF.: 3712/3722/3723

BISSAU

PRESIDENTE INICIA HOJE VISITA A CUBA

O Presidente Luiz Cabral segue esta manhã para Cuba, via Cabo Verde, em visita oficial. Será acompanhado por sua esposa, camarada Lucette Cabral, e por uma delegação do Partido e Estado. Fazem parte da comitiva os camaradas do Comité Executivo de Luta João Bernardo Vieira, Comissário das FARP, José Araújo, Secretário de Organização do Partido, Lúcio Soares, vice-chefe do Estado Maior das FARP, e Carmen Pereira, da Comissão Feminina do PAIGC. Além do Comissário de Obras Públicas, Alberto Lima Gomes, Manuel Boal, secretário-geral da Saúde, Lilica Boal, Directora do Instituto de Amizade e Amélia Araújo, da Presidência do Conselho de Estado. O embaixador cubano na Guiné-Bissau, Afonso Pedro Morales, acompanhará a comitiva presidencial.

O camarada Presidente Luiz Cabral, esteve na sexta-feira passada, em Bula, Cantchungo, Cacheu e São Vicente, em viagem de trabalho. Em Bula, o camarada Luiz Cabral assistiu a um espectáculo do grupo teatral «Esta é a nossa Pátria Amada». Em Cantchungo e Cacheu, visitou diversas obras em construção. Na vinda, passou em São Vicente, onde teve uma pequena reunião com a população local na qual se inteirou das dificuldades e necessidades do povo daquela zona. O Presidente ainda visitou a ponte de São Vicente, que se encontra em construção.



COMISSARIO PRINCIPAL PRESIDE REUNIAO SOBRE ALFABETIZAÇÃO

◆ Paulo Freire sugere encontro de ministros de educação dos novos países africanos

Unicef Ensino primário 19 milhões de pesos

A Unicef, órgão da ONU, vai auxiliar a Educação na Guiné-Bissau com 19 milhões de pesos. O plano de ajuda, que foi assinado na semana passada pelo Comissário de Educação, Mário Cabral, já havia sido assinado em Julho último, em Dakar, pelo representante da Unicef. O dinheiro será aplicado no programa de desenvolvimento do ensino primário em todo o país. Inclui a construção de um internato em Morés, a compra de jipes, motorizadas, de equipamento de trabalho e construção de 1 300 carteiras escolares.

(PÁGINA 2).



BAIRROS DE BISSAU: UMA HERANÇA DO COLONIALISMO (7)

Pefini: um comité para cinco bairros com 8 692 habitantes

A partir de hoje NÔ PINTCHA volta a publicar a série de reportagens sobre os bairros de Bissau, interrompida a algumas semanas por ocasião das edições especiais sobre as comemorações de Setembro. Em 1960, Bissau tinha 15 mil habitantes. No final da luta armada de libertação era uma capital com mais de 100 mil habitantes amontoados em bairros caóticos e sem as mínimas condições de habitabilidade, como consequência de uma política demagógica de «aproximação», seguida pelos colonialistas. Famílias inteiras que chagavam a Bissau durante a guerra, vindas de áreas agrícolas, eram incentivadas a fixarem-se em torno dos quartéis tucas. Por dois motivos: serviam de protecção às bases militares e estariam sob controle. Hoje, Bissau é uma cidade com problemas de urbanização praticamente insolúveis que, devido à influência colonialista, abriga «a parcela mais alienada da nossa população», segundo palavras do camarada Secretário-Geral do PAIGC, Aristides Pereira. Nesta edição, Pefini, um dos bairros. Com as suas dificuldades, o seu quotidiano. (CENTRAIS).

Estudante pede ajuda

Entre na escola aos sete anos mas, devido às condições económicas dos meus pais, não estudei durante três anos após fazer a quarta classe, só depois continuei com ajuda do meu irmão. Hoje não posso mais continuar os estudos porque o meu pai já envelheceu, preciso trabalhar para o ajudar. O meu irmão tem mulher e quatro filhos e não pode continuar a ajudar-me.

Fui obrigado a pedir bolsa de estudos antes de concluir o sétimo ano e consegui. Surgiu-me então esta dificuldade. Onde arranjar quase 700 pesos para tratar de registo criminal, fotografias, passaporte, autorização de saída e 73 pesos para pagar o peso da mala? Não tenho roupas, dinheiro para levar comigo no bolso. Não tenho quase nada.

Será que depois de me formar irei trabalhar no estrangeiro ou na Guiné e Cabo Verde? Peço ajuda a todos os bolseiros desde o princípio até o fim do curso, tenham ou não condições económicas.

Pedro Cassamá — «Nuno»

«SABOTADOR»

«Camarara director, um termo bastante corriqueiro, que circula habitualmente em Bissau e na Guiné-Bissau, hoje em dia, é «sabotador», ou «sabotagem». É um termo bonito (como vocábulo) mas que só fica bem quando se encontra no seu devido lugar e tempo.

Hoje, os que mais utilizam essa palavra são aqueles que não tomaram parte directa, nem indirecta, no duro sacrifício da luta de libertação nacional. E até colaboraram na luta contra o nosso glorioso PAIGC, «o inimigo». Agora, usufruindo outra vez de lugares de destaque e de bem estar, vão se arvorando em acérrimos militantes ou simpatizantes do Partido, espezinhando o humilde contribuinte da Reconstrução Nacional com termos dessa natureza.

São precisamente eles que, abusando em nome do nosso Partido e Estado, vão destruindo automóveis novos, veículos de transporte, requisitando peças de mobiliário e materiais de construção para melhorarem as suas casas, coisas que colaboram com a destruição da nossa débil economia.

Mário Cruz

Unicef

19 milhões de pesos para o ensino primario

◆ Vai ser construido um internato em Morés

A Unicef — Fundo das Nações Unidas para a Infância — concedeu uma ajuda de 620 mil dólares, cerca de 19 milhões de pesos, para o Comissariado de Educação e Cultura. O auxílio faz parte do «Plano de educação primária na República da Guiné-Bissau, para os anos de 1975 e 1976, assinado na semana passada pelo camarada Mário Cabral, Comissário de Educação. Foi elaborado pelo Comissário, em colaboração com Alan Silverman, representante da Unicef no nosso país.

O documento relaciona-se com a ajuda já havia sido assinado em Dakar, em fins de Julho último, por M. Christensen, em nome da Unicef, e por M. Kamian, pela Unesco, — Programa das Nações Unidas para a Educação, Cultura e Ciências — depois de examinado pelo Comissariado.

O montante do auxílio foi dividido em três parcelas. Uma, de 250 mil dólares — 7.750.000 pesos — para aquisição de meios de supervisão para a Inspeção de Educação. Com esta verba serão comprados oito Land Rovers para as oito regiões de Educação, 37 motorizadas para os responsáveis de sector, com peças suplentes e combustível para um certo tempo. A segunda parcela, de 40 mil dólares — 1.240.000 pesos será destinada ao fabrico de 1.300 carteiras escolares e, seis armarios. Também para a compra de equipamento de prática de agricultura, para as comis-

sões de estudo, de mapas políticos e geográficos, material para o ensino de ciências e matemática nas escolas primárias.

A última parcela 330 mil dólares — 10.230.000 pesos — destina-se a construção de um internato em Morés, que já funciona há cerca de um ano em instalações provisórias.

Segundo informações do Instituto de Amizade, ainda não foi estabelecido o prazo para o início da construção do novo internato, que deverá alojar 300 alunos de diferente regiões do país, com o nível de primeira a quarta classe.

OFICINA MECÂNICA

Dentro dos projectos da Unicef ainda em fase de estudos, esta o «Plano de operação para a criação e o funcionamento de um serviço automobilístico para a saúde pública e Educação Nacional na República da Guiné-Bissau». Será montada uma oficina me-

cânica com o auxílio de 20 mil dólares — 620 mil pesos. Destina-se, essencialmente, a dar assistência aos carros da Educação e da Saúde ofertados pela Unicef. A oficina será dirigida por uma direcção escolhida em conjunto pela Educação e Saúde, sob o encargo dos dois comissariados. Ficará instalada junto ao antigo Hospital Militar de Bissau.

A verba concedida pela Unicef aos serviços da educação vai ser administrada pelo comissariado e pelo representante do fundo no país. O material poderá ser adquirido na Suécia, ou em qualquer outro local, de acordo com o catálogo da Unipac — Unicef Parknig and Assenbly Centre — organismo criado pela Unicef para compras a preços relativamente baixos, que tem a sua sede em Copenhague. Deve chegar até ao fim de Dezembro próximo. Parte dele, no entanto, já começou a ser entregue: os oito jipes, as

37 motorizadas e diversos equipamentos administrativos.

Está prevista para breve a chegada de material para 110 comissões de estudo e para as escolas de formação de professores Amílcar Cabral, em Bolama e Máximo Gorky, em Có. Estas comissões são formadas por grupos de 10 a 12 professores, reunindo três a quatro escolas criadas pelo Comissariado da Educação para melhorar a formação de base dos monitores.

As 1.300 cadeiras e armários incluídos no plano de auxílio, serão encaminhados para o país. Conforme o camarada Macedo, do Comissariado da Educação, as carteiras já deviam ter sido feitas pelas Obras Públicas, mas não foram, devido a outros trabalhos que esse departamento está a executar. O Comissariado das Obras Públicas entrou em contacto com a Socotram — Empresa Nacional para Transformação e Exportação de Madeiras — que deve iniciar o fabrico dessas cadeiras e, posteriormente, de outras que o Comissariado de Educação vier a precisar.

RESPONDE O POVO

A «cunha»: praga em Bissau — 3

As sociedades que defendem a «livre iniciativa», a iniciativa privada e a concorrência como base de um padrão político, baseiam-se no falso princípio de que todas as pessoas têm as mesmas oportunidades dentro de um sistema altamente competitivo, onde os homens são jogados contra os homens em busca de benefícios particulares. Na realidade, isso não acontece. Factores diversos — dinheiro, nome de família, nível de instrução — fazem a balança pender sempre decisivamente para um dos lados. Além desses, e determinados por eles, há um outro factor vital no quotidiano dessas sociedades: as «cunhas». Esse aspecto negativo, produto de uma ideologia, infelizmente não se limita a espaços geográficos que separam os sistemas. Existem aqui, na nossa própria terra, onde queremos criar um homem novo, como uma herança do colonialismo. Principalmente em Bissau, centro administrativo. Existe nas bichas de compras, na prestação de serviços, na procura de empregos. Uma pergunta: até quando? Moradores da capital falam sobre as «cunhas», contam experiências,

Leonardo Cabral, funcionário dos Correios: Em Bissau estas cenas são um hábito entre alguns empregados das repartições públicas. Tenho assistido a várias atitudes incorrectas de facilidades entre os conhecidos. Uma das vezes foi nu-

ma repartição da polícia quando estavam na bicha dezenas de pessoas à espera de sermos atendidos. Creio que ainda não estava na hora quando uma funcionária resolveu encerrar a repartição. Não o achamos estranho. Mas passados al-

guns minutos, essa mesma funcionária chamou um indivíduo que mal acabava de chegar ao local da bicha e despachou-o sem preocupar-se com os murmúrios de protesto dos outros. Isto é bastante aborrecedor porque não deve existir preferências entre camaradas. Nem sei classificar o estado de consciência das pessoas que o fazem. No meu entender, penso que esses factos passam totalmente despercebidos pelos chefes das secções ou repartições públicas. O chefe preocupa-se na organização do trabalho enquanto um ou dois funcionários atendem o público à base da cunha. A maneira de acabar com isso talvez seja avisar imediatamente os responsáveis do serviço logo que surjam tais actos à nossa frente. Esses, por sua vez, devem exigir as devidas responsabilidades ao funcionário.

Inocêncio Albino Lamba,

estudante: «Sim, isso é verdade. Tanto nas lojas como nas repartições do Governo, isto é, em qualquer local onde haja bicha. Uma vez eu estava dentro da mercearia da casa Ultramarina e ao lado havia uma enorme bicha para a compra de cebolas, açúcar e azeite. Pouco depois, a fila começou a desfazer-se porque as pessoas que lá estavam já não aguentavam mais protestar contra o empregado que, do outro lado do balcão, não fazia mais que dar uma espreitadela e entregar os artigos às pessoas que queria. Com certeza, seus conhecidos. Isso não é só uma simples atitude para desenrascar colegas ou parentes. Essas cunhas indicam que alguns meninos bonitos ainda não revertiram a medalha. Só pensam que o «meu trabalho ou a minha loja pertence-me e vou fazer aquilo que eu quero». Não meteram na

sua cabeça que o que eles fazem não é útil simplesmente porque ganham nele o seu salário. Mas sim, porque servem os interesses do público, portanto, de um a sociedade. Alguns fazem telefonemas, escrevem bilhetes e notinhas para marcar consultas, para reservar sacos de arroz. Sempre a mesma coisa. Outros precisam passar a noite no sereno para conseguir o que querem se fôr possível. Tudo isso deve ser combatido pouco a pouco dentro de nós mesmos. Mas sugeria que também intervissem campanhas de fiscalização que aos poucos abrandarão esse tipo de sistemas no nosso país».

Jorge Augusto da Silva, 36 anos, ex-operário das Oficinas Navais: «Essas coisas não vão desaparecer logo porque as pessoas têm a mania de carregar parentes nas costas. As cunhas

que considero mais lamentáveis são as relaccionadas com vagas em empregos, pois aí joga-se com a vida de uma família. Quando falaram em diminuição de funcionários nas oficinas Navais aconteceram factos semelhantes. Os mestres e chefes de secções escolheram para excluir as pessoas com quem tinham uma zanga ou, simplesmente, de quem não gostavam. Muitas vezes, os que mais produziam. Isso, quando as pessoas deviam é ser testadas. Há chefes que estão habituados com as cunhas «bambu n'utru», e não fazem mais do que tirar o melhor para si. Um chefe de serviço só devia ocupar esse lugar se os trabalhadores concordarem. Deviam ser afastados se os trabalhadores não os aceitassem. Só assim a nossa terra avançaria, com vantagens para todos».

Restabelecimento de relações

Ministros dos Negócios Estrangeiros de Angola e Portugal na Praia

Em encontro realizado na Praia, com a presença do camarada Abílio Duarte, ministro dos Negócios Estrangeiros da República irmã de Cabo Verde, a República Popular de Angola e Portugal decidiram restabelecer relações diplomáticas.

No final das conversações, que decorreram no Palácio da Presidência, foi lido pelo camarada Abílio Duarte, um comunicado final informando sobre a maneira como decorreram as negociações, sobre o restabelecimento das relações diplomáticas a nível de embaixadas, assim como sobre a abertura de representações consulares nas capitais dos dois países.



O comunicado afirma também que as duas delegações resolverão, por via diplomática, as principais questões que atingem a comunidade portuguesa em Angola e a angolana em Portugal.

Após a leitura do comunicado, no qual as delegações da RPA e de Portugal, exprimiram o seu agradecimento pela hospitalidade e facilidades concedidas pelo governo do país irmão, «que muito terão contribuído para o bom termo a que chegaram as negociações», os camaradas Abílio Duarte, José Eduardo Santos, ministro das Relações Exteriores de Angola e Medeiros Ferreira, ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, prestaram algumas declarações aos órgãos de Informação.

«Antes de tudo queria afirmar que é um motivo de grande honra e regozijo para o governo de Cabo Verde acolher nesta terra africana, de uma velha tradição de hospitalidade, tão altos dignitários do governo angolano e do governo português, José Eduardo Santos e Medeiros Ferreira, que representam aqui os governos da República Popular de Angola e a da República Portuguesa», começou por dizer o camarada Abílio Duarte sobre o que pensa acerca do significado da organização do encontro realizado em Cabo Verde.

«O facto de Cabo Verde ter sido escolhido como país favorável às conversações que levaram à normalização das relações diplomáticas entre Portugal e Angola, demonstra que são profundos os laços de amizade e de colaboração que

unem o MPLA e o PAIGC, o povo angolano e o povo caboverdiano, e agora a República Popular de Angola e a República de Cabo Verde. Este acontecimento de enorme significado político é também uma prova do respeito, da fraternidade que se vem desenvolvendo cada vez mais entre o governo português e o nosso governo, e com o qual nós vimos tendo relações que podem ser qualificadas de relações excelentes. Podemos dizer que este é o primeiro passo dado pelo Estado de Cabo Verde tendente a demonstrar a nossa vocação de país situado entre três continentes, e que vem estando sempre em busca, digamos, de paz, de concórdia entre as nações numa base de respeito mútuo, de interesses recíprocos e de não ingerência nos assuntos internos».

— O camarada ministro José Eduardo dos Santos pensa que depois da conclusão deste acordo entre os dois países será simples resolver o problema dos desalojados. Muitos deles, segundo consta, gostariam de regressar a Angola?

— Sim, acho que, aqui na Praia, foi dado um passo importante para o estreitamento das relações de amizade que existem e quanto a mim sempre existiram entre o povo de Angola e o povo de Portugal.

«Também foi dado um passo importante, efectivamente, para que se estabeleça uma cooperação frutuosa entre a República Popular de Angola e a República Portuguesa na base dos princípios que são universalmente aceites por to-

das as nações independentes, nomeadamente o princípio do respeito da soberania nacional, e pensamos que no futuro serão enviados esforços tanto da parte angolana como da parte portuguesa. Para dar solução a uma série de problemas que não puderam ser abordados, aqui no quadro da reunião que nós tivemos com a delegação portuguesa, nomeadamente problemas que se prendem com os refugiados angolanos que actualmente se encontram em Portugal, problemas que se prendem, como ficou frisado no comunicado, com a circulação de um modo geral de pessoas e bens entre Portugal e Angola. Quanto ao problema dos desalojados (não sei se se refere aos angolanos, particularmente, ou se coloca a questão no quadro geral de todos quantos deixaram Angola no período em que ela estava em luta para a conquista da sua independência portanto para a liquidação das organizações fantoches que estavam ligadas a interesses estrangeiros ao povo de Angola), de qualquer modo todos esses problemas que se prendem com as pessoas que por uma ou por outra razão abandonaram Angola, também merecerão a atenção, evidentemente, do governo da República Popular de Angola, e encontraremos soluções evidentemente, que vão no interesse particularmente do povo de Angola.

— Este foi um passo importante para a regularização das relações diplomáticas entre Portugal e Angola. Gostaria de saber o que é que o Governo português,

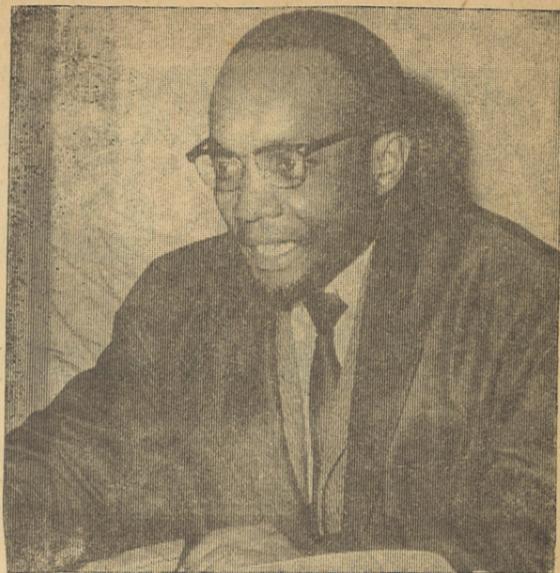
através do Dr. Medeiros Ferreira, pensa acerca deste encontro e qual será o próximo passo?

— Bem, no que diz respeito à primeira pergunta trata-se para o governo português de dar execução a uma das partes fundamentais do seu programa do governo apresentado à Assembleia da República, onde se fala da normalização das relações entre Portugal e a República Popular de Angola. Nós demos imediata execução a essa linha felizmente, encontrou no governo da República Popular de Angola o melhor acolhimento, pelo que nos foi relativamente fácil, no espírito de grande entendimento e no espírito realista, chegar à plataforma anunciada no comunicado conjunto, lido pelo Sr. Ministro dos Negócios Estrangeiros de Cabo Verde a quem a delegação portuguesa expressa o seu melhor reconhecimento pela forma como nos receberam, e pela forma como permitiu que um verdadeiro espírito da Praia se tenha feito sentir nestas conversações com o meu homólogo da República Popular de Angola e que decorreram duma maneira muito positiva. Trata-se portanto de dar execução ao que ficou no comunicado.

O principal é evidentemente a troca de embaixadores, que será através das vias diplomáticas dos problemas que se põem nas relações entre os dois países, se irão gerir, administrar, mas para nós importa sobretudo o futuro das relações entre Portugal e a República Popular de Angola. Nós iremos sempre tratar da resolução dos problemas que realmente existem entre Portugal e a República Popular de Angola, numa perspectiva positiva, numa perspectiva do melhor entendimento para o futuro das relações entre os dois povos.

Portanto, a próxima etapa é realmente a troca de embaixadores. Portugal pelo seu lado, está preparado, e, além da troca de embaixadores, haverá, como o comunicado reza, troca também de consulados. Nós damos grande importância à defesa das pessoas porque acreditamos no futuro das nossas relações e pensamos que o que há a defender no presente são as pessoas, porque os grandes interesses que realmente

unem Portugal a Angola apontam para o futuro e portanto, em relação ao futuro, temos tempo de vir a resolver as outras questões.



AMÍLCAR CABRAL

1. Estatuto político (2)

[...] (Não é exagerado que, se o Estatuto dos Indígenas fosse aplicado e todas as partes «integrantes de Portugal» com o mesmo rigor que na Guiné «Portuguesa», pelo menos cerca de 50% da população da «metrópole» seria considerada indígena. Basta recordar que mais de 40% dos portugueses são analfabetos e, portanto, não falam nem escrevem correctamente o português (o que é exigido, na prática, para os guineenses) e que a maior parte da população de Portugal — país agrícola subdesenvolvido — não tem uma situação económica estável).

«A discriminação estabelecida pelo Estatuto dos Indígenas é flagrante, não apenas no que se refere às diferenças entre a situação jurídica dos povos da Guiné e de Portugal, mas ainda em relação à situação jurídica interna do próprio povo da Guiné. Sendo o território exclusivamente dirigido por instituições não indígenas, cerca de 99% da população total ou 99,7% da população africana não participa, de acordo com a lei, no funcionamento dessas instituições. Só os «cidadãos portugueses» (europeus e africanos ditos civilizados, entre os quais os autóctones estão em minoria — 0,3% da população africana) participam, em princípio, nesse funcionamento. Esta realidade basta por si só para destruir o mito constitucional segundo o qual a Guiné é uma «provincia de Portugal» e a afirmação que pretende que não existe discriminação racial. Isto é um facto, tanto mais que mesmo os autóctones ditos civilizados são igualmente alvo de uma discriminação, embora indirecta, facilitada pelo seu baixo nível de vida económica».

«Como a Guiné é considerada como uma provincia portuguesa, é administrada pelo governo de Portugal. «A sua administração é confiada a um Governador que representa a soberania portuguesa. A orientação superior e o controle de todos os serviços pertencem ao Ministério do Ultramar (art. 1 da Reforma Administrativa do Ultramar)».

«A estrutura administrativa na qual está enquadrado o território revela que, em última instância, os órgãos que decidem da vida política, económica e social do povo da Guiné «portuguesa» são, na realidade, os órgãos de soberania portuguesa: o chefe de Estado, a Assembleia Nacional, o governo e os tribunais portugueses (art. 1, 71 e 135 da Constituição Política). A Assembleia Nacional, o Conselho de Ministros e o ministro português do Ultramar têm, no que se refere à Guiné e a todas as outras colónias portuguesas, uma competência legislativa especial (art. 150 da Constituição Política e respectivos parágrafos). A Câmara Corporativa portuguesa, a Conferência dos Governadores de Portugal Ultramarino, a Conferência Económica de Portugal Ultramarino e ainda determinados órgãos técnicos, todos metropolitanos, cooperam com os órgãos metropolitanos acima indicados (Base VII da Lei Orgânica)».

★ Relatório geral sobre a luta de libertação nacional apresentado na Conferência das Organizações Nacionalistas da Guiné e das Ilhas de Cabo Verde, realizada em Dakar de 12 a 14 de Julho de 1961.

PEFINI: UM COMITÉ PARA CINCO BAIRROS COM 8692 MORADORES

O Comité de Pefini, composto por cinco bairros, é um dos mais populosos de Bissau. A população, 8.692 pessoas, é constituída, na sua maior parte, por camponeses, alguns funcionários públicos e comerciantes ambulantes. Apesar do número de moradores, poucos participam nas actividades do Comité. O total de pessoas que comparece às reuniões, para discutir e tentar solucionar suas próprias dificuldades é cada vez menor. Muitas vezes não chega a 100. Os problemas existentes são os mesmos dos outros bairros que nasceram e desenvolveram-se caoticamente sem nenhum planeamento, durante o período colonial. A população dos cinco bairros — Pefini, Calequir, Rossio, Impanja, Amedalai — queixa-se, principalmente, da falta de água e de artigos de primeira necessidade nos Armazéns.

O único mercado que existe no bairro não tem condições de funcionamento. Desde a época colonial foi planeada a construção de um pavilhão para evitar a venda de produtos na rua, no entanto isso continua a acontecer. E funciona porque é o único que serve a população abrangida pelo comité e pelos bairros vizinhos.

A sede do comité fica no Bairro de Pefini, o terceiro em número de habitantes. Foi criado em Agosto de 1974 para desenvolver tarefas concretas: promover reuniões com o objectivo de politizar as massas, divulgar os princípios do Partido e as bases fundamentais da Unidade. Já foram feitos vários trabalhos, mas as dificuldades continuam. Ultimamente as actividades estão praticamente paralisadas. Agora as pessoas estão no campo, na lavoura e a participação é bastante limitada.

O aspecto do bairro não difere dos outros. Casas mal alinhadas, a maior parte cobertas de palha. Ruas quase intransitáveis, principalmente na estação das chuvas quando os buracos

se espalham por toda a parte. Recentemente, no entanto, verificou-se uma certa melhoria nos bairros de Pefini com o aumento da preocupação em relação à higiene.

DA MADRUGADA ATÉ À NOITE

São mais de 9h, as pessoas continuam a chegar. Umas trazem balaios à cabeça, outras, cestos ou sacos de plástico nas mãos. Há barulho por toda a parte, ninguém pára de discutir. Mesas arrumadas, não há ordem a cumprir, cada qual procura o melhor ângulo, onde há mais gente. Uns apenas estendem pedaços de pano no chão para expôr as mercadorias que têm para vender. Há movimento por toda a parte, movimento que dura todo o dia. É assim o quotidiano do mercado de Pefini. As pessoas começam a chegar no início do dia e muitos ficam ali até à noite.

O mercado funciona em plena rua, no cruzamento de duas estradas. Uma passa em frente ao comité, outra atrás da mesquita, tam-

bém ao lado do mercado. As mercadorias são vendidas no chão, muitas vezes em cima de panos mal cuidados, sem as mínimas condições de higiene. Quando chove protegem-se com capas e guarda-chuvas ou fogem para as varandas das casas que ficam ali perto.

Umache Cabi fala das dificuldades em controlar o movimento de vendedores que, muitas vezes, preferem ir às tabancas para não pagar o imposto à Câmara: «O mercado não tem condições de funcionar mas também não convém acabar com ele porque não existe alternativa para a população do bairro e, além disso, faria baixar as receitas da Câmara. Penso que deveria ser proibida a circulação de carros no local de vendas para melhorar o funcionamento do mercado».

Outra pessoa comenta também o mesmo problema. É António Castilho Duarte, encarregado do mercado. Lembra o projecto de construção de um pavilhão para o funcionamento do mercado, quando foi sugerido aproveitar uma parte do terreno anexo à mes-

quita. Ele lamenta que até agora não foi tomada nenhuma medida para resolver o assunto:

As pessoas reclamam que nós cobramos caro. Explicamos que a senha corresponde ao valor da mercadoria. O Estado não exerce repressão no comércio, mas não vai permitir que se especule com o público.

Os compradores, no entanto, são unânimes em reclamar dos preços e da maneira primária que os produtos são medidos para a venda. Aham que deveria haver balança para tudo, até para o carvão, e um preço fixo para as mercadorias. Assim, não haveria mais especulação. Mas as coisas continuam iguais. As mulheres vendedoras recusam-se a utilizar a balança para a venda de peixe, o carvão é medido no fundo de uma pequena tigela, a um peso cada.

As pessoas que compram discutem o preço, devolvem o carvão e vão comprar lenha porque sai mais barato. Apili Té, vendedora, protesta: «Compramos um saco de carvão a 80 pesos e pagamos cinco pesos por dia. Ficamos o dia inteiro aqui e ainda reclamamos que está caro». Ela fala enquanto atende as pessoas. Muitas, achando que há pouco carvão, pedem para Apili devolver o dinheiro. Ela não discute. «Se um não comprar, outro compra». O marido trabalha no campo mas o seu salário não chega para o sustento da família. Ela procura ajudar vendendo carvão.

Mais pessoas falam desse problema. Quinta Nanque, vendedora de peixe, também discorda da opinião do público. Ela explica: «Dizem que não queremos pesar os peixes. Há quem traga muito peixe, mas não há balança para os pesar. Só os nhominças têm. Nós trazemos uma pequena quantidade na cabeça, depois de pescar nas bolanhas. Pesados, mal dão para fazer cair a balança. Passamos a maior parte da noite e manhã enterradas na lama das lagoas. Aqui, precisamos pagar a feira, e o preço varia de cobrador para cobrador. Muitas vezes o dinheiro não chega para comprar um quilo de arroz e comer em casa com os filhos».

DISCUSSÃO SOBRE MANGOS

Mais adiante, há pessoas aglomeradas, curiosas, junto

à varanda de uma casa, perto do mercado. A porta está fechada e muitos discutiam. É a sede do Comité de Pefini. Um problema surgiu no mercado e está a ser comentado com os dirigentes do comité. A mulher quis obrigar uma criança a vender seis mangos por um peso, quando o normal seria três mangos.

Ao lado, outra mulher explica que está errado, que o preço é diferente. O camarada do comité intervém, não chegam a um entendimento. Convocam as pessoas para irem até à sede resolver o assunto. A mulher recusa-se, afirma que não pertence ao bairro, que os seus problemas ou são julgados no seu bairro ou na polícia. Após uma longa discussão, aceita ir ao comité. Depois, a questão é analisada pelas pessoas. A mulher é criticada, reconhece o erro. Pede desculpa e o caso fica encerrado.

É assim a justiça no Pefini. Quando o assunto é da competência do comité pode ser comentado rapidamente. Julgado pelos responsáveis do comité e por quatro elementos da brigada política, encarregados de informar e mentalizar a população sobre o programa do Partido. Caso contrário, é enviado à secção de Justiça da Polícia de Ordem Pública.

Ao lado do comité, numa casa de zinco, uma mulher pila milho. O filho chora, dependurado nas costas. Ela não liga, continua pilando. Outra criança, sentada junto ao pilão, come num prato sujo, sem conseguir segurar a colher. Quintina Oliveira é a mãe, não sabe a sua idade. Tem três crianças. Um morreu ainda pequeno, com muita febre. Mora com mais gente. Ao todo são oito pessoas numa casa.

Quinta olha desconfiada. Depois, fala contrariada, responde por monossílabos. Apesar de morar perto do comité, não participa nas reuniões: «Não tem tempo. Os trabalhos da casa não permitem». O marido está na lavoura, mas o produto do seu trabalho não dá para viverem.

Os Armazéns do Povo de Pefini funcionam numa parte de casa alugada. Tem três funcionários, Domingos Lopes é o responsável. Fala das dificuldades dos armazéns, da falta de géneros alimentícios. Quando falta arroz, a população corre ao local, organiza filas enormes e é difícil controlar



tudo. As pessoas entram-se querem ser atendidas primeiro. Eusébia Insa da fila. O menino estante e não pode aguentar os empurrões:

Estou aqui desde cedo. Não consigo quilo sequer porque me não são atendidos. Eles que ajudaram a distribuir o arroz. Não há soal dos armazéns em quando do descarregar. Quem não trabalhou não espera na fila, mas consigo ficar mais tempo. O menino está doente».

Domingas Soares, responsável pela organização das mulheres, está dentro da fila para orientar. O conversa e acrescenta: «Tentamos fazer filas para evitar a aglomeração e proteger as mulheres grávidas ou as que trazem filhos nas costas. Mas as pessoas obedecem, querem ser atendidas ao mesmo tempo. Há empurrões. Há poucos minutos levantamos o chão uma mulher grávida que foi empurrada, caiu e caiu. Tentamos fazer tudo isto, mas é quase impossível».

CINCO A DEZ QUILOS

Ao contrário dos outros armazéns, em Pefini existem cartões familiares para a venda de produtos. Há bairros pertencentes ao mesmo comité que possuem Armazéns de produtos, então é difícil controlar o movimento. Quando falta arroz, a venda é feita nada conforme a quantidade que cada família tem de cinco a dez quilos.

Nos outros armazéns problemas são iguais. A falta de géneros de primeira necessidade, a quantidade levantada não é suficiente para toda a população. O movimento é sempre tenso. A receita varia de 20 a 30 contos. Quando falta arroz e outros produtos essenciais, as vendas aumentam, atingem 70 contos.



"OS PAÍSES INDEPENDENTES DEVEM APOIAR O POVO DO ZIMBABWE"

★ **Marcelino dos Santos,**
vice-presidente da Frelimo

«A gente gosta mais da nossa terra quando lutamos para a defender e construir. Não temos medo. Quando estamos a ajudar os movimentos de libertação, estamos a ajudar a construir a nossa própria independência», afirmou o camarada Marcelino dos Santos, vice-presidente da Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique) e ministro do Planeamento da República Popular de Moçambique, numa entrevista concedida ao «Jornal de Angola», da qual publicamos um extracto.

— «*Jornal de Angola*» — O sr. Kissinger andou passeando-se pelo nosso Continente com uma série de propostas para «resolver» a questão do Zimbabwe. Smith diz que «foi forçado» a aceitar... Como vê o camarada Marcelino dos Santos este problema?

— Como é que nós podemos ver o problema Zimbabwe? Para nós é muito simples. O povo do Zimbabwe define a sua posição. Os países independentes a única coisa que têm a fazer é apoiar o povo do Zimbabwe a realizar o seu programa. O povo do Zimbabwe deve dizer: «O nosso programa agora é um programa de libertação nacional; é liquidar o regime de Smith, é implantar um regime em que não haja exploração». Eles próprios disseram que «aqui, não se trata duma guerra racista, trata-se de liquidar um regime que nos explora. Para realizar esses objectivos engajamo-nos na luta armada, pedimos à África independente para nos apoiar».

Portanto, está clara a nossa posição. E a nossa posição é essa: apoiar o movimento de libertação que já definiu o seu programa, que nesta fase, é um programa de libertação nacional.

Agora Kissinger vem! Bom, Kissinger é dos Estados Unidos da América, e ela é uma das potências imperialistas. Ele tem o seu programa — é normal! Tem as suas preocupações: Mas, para

falar connosco? Discutir connosco? O que é que vamos discutir? Kissinger, se quiser vir falar connosco, deve primeiro declarar: «O governo dos Estados Unidos da América reconhece o direito da maioria do povo do Zimbabwe, reconhece o direito do movimento nacionalista e aceita o direito à soberania do povo do Zimbabwe. Nós vamos apoiá-lo e, por isso, queremos ir a Moçambique para falar sobre as formas de apoio ao movimento nacionalista do Zimbabwe».

Mas eles achavam que perdiam a sua natureza se fizessem uma declaração dessas. Então o que é que ele vem fazer? Vem com a Inglaterra, com Vorster e com Smith inventar uma solução. E, depois, o que é que nós temos a ver? Nós conhecemos a nossa posição: apoiar a luta armada contra Smith. É isto. Apoiamos o programa do movimento de libertação.

Manobras imperialistas há muitas! Não devemos perder tempo a discutir: «Ah, o que pensa do plano!» Não é isso que nos interessa. Interessamo-nos sim que há uma condição de base: que os Estados Unidos reconheçam o movimento de libertação, aceitem o seu programa. Enquanto isso não acontecer não vale a pena perder tempo.

O TRANSKEI NÃO REPRESENTA NADA

E quanto à Namíbia, o que importa é dar todo

o apoio à Swapo, reconhecida por todo o Mundo como legítimo representante do povo da Namíbia.

Agora o Vorster vem dizer que há um tal ban-tustão, que cria uma tal constituição que vai fazer uma conferência: discutir o que? Em Angola e Moçambique nós temos essas experiências de fantochezinhos, que os portugueses mesmo depois do 25 de Abril quiseram confeccionar. Não. A única coisa que há, na Namíbia, é a Swapo. Tudo o resto são fantoches, pequenos ban-tustões que não valem nada. Como não representa nada esse Transkei ali da África do Sul. A OUA já decidiu que o não vai reconhecer, ele não significa nada.

Liberdade, independência, poder popular como é que isso se pode construir sem sacrifícios. Vamos dizer que somos capazes de comer milho, arroz, sem plantar, sem trabalhar, sem suar, sem pegar na enxada, sem criar calos nas mãos?

[...] As coisas têm gosto quando as pessoas lutam por elas. Independência tem gosto quando a gente a conquista. A gente gosta mais da nossa terra quando lutamos para a defender e construir. Não temos medo. Quando estamos a ajudar a construir a nossa libertação, estamos a ajudar a construir a nossa própria independência.



Quintino Gomes, encarregado do Armazém do Povo de Calequir não tem arroz há quase duas semanas. A quantidade levantada esgotou-se em pouco tempo e os serviços de economia não autorizam nova distribuição: «Há dificuldade para obter géneros para os armazéns e isso muitas vezes é criado pelo pessoal responsável. Recusam-se a conferir as requisições, mesmo nas horas de serviço, alegando que já passou da hora. Outro problema é a falta de pessoal para descarregar as mercadorias. A população costuma ajudar, e os que participam são atendidos primeiro».

O problema de transporte de produtos também é comum a Impanja, onde há um Armazém do Povo para dois bairros: Impanja e Luanda. Os carros do armazém são insuficientes para fazer a distribuição das mercadorias nos bairros. Os de aluguer recusam-se a fazer esse serviço. A estrada não é boa e muitas vezes os carros ficam atolados.

O encarregado, Gregório Freire Monteiro, vive na parte de trás com a família. Os sacos de arroz estão amontoados ao lado da cama, não há espaço para guardá-los na loja. Agora, a direcção pretende alugar mais uma parte de casa para instalar os serviços, mas, por enquanto, continuarão a funcionar no recinto pequeno e pouco arejado.

Sábado. Todos querem arroz para o fim de semana. Já falta há vários dias, porque a requisição demorou para ser entregue. Quando há muita gente os empregados não conseguem manter a ordem. As mulheres reclamam, os homens são atendidos primeiro porque compram sacos de 50 quilos. O encarregado promete fechar mais tarde, aos domingos não abrirá a loja. Ele recebe 4 mil pesos e o auxiliar, 1.500 pesos. Não existe dinheiro para

contratar um guarda, os armazéns podem ser assaltados facilmente.

Em Impanja a maioria dos moradores são camponeses. Actualmente não participam nas actividades devido ao trabalho agrícola. Malam Turé, representante do comité preocupa-se com isso. Só convoca reuniões aos sábados, quando ninguém trabalha e o número de presenças pode ser maior.

IMPANJA MUDOU DE LUGAR

O Bairro Impanja mudou de lugar. Durante o período colonial a população foi obrigada pelos tucas a abandonar as suas palhotas e reconstruí-las noutra local. Estavam numa zona de treino da artilharia portuguesa. Agora, pretende voltar ao local da antiga tabanca. Mas, desde que os tucas se retiraram, a zona serve de depósito de lixo. Já foi levantado o problema para que o lixo fosse removido sem que tivesse sido tomada alguma medida.

Em Pefini e Impanja existem duas escolas. Uma em cada bairro. As actividades escolares não estão muito desenvolvidas devido à falta de organização: 24 turmas funcionam em três períodos. Mas este ano a situação melhorou. Luis Pinto, director da escola primária de Impanja, está optimista. Acha que há mais entusiasmo da parte dos professores e alunos. Todos têm participado para elevar o nível de ensino.

Mesmo durante a noite, as actividades prosseguem em Pefini. O mercado não encerra ao fim da tarde, às vezes continua a funcionar até muito tarde com candeeiros de garrafas improvisadas ou lanternas. As tabernas também demoram para fechar. Às 20h um grupo de pessoas está aglomerado em frente a uma porta fechada. É a única taberna no bairro que vende petróleo. Inicialmente,

o dono não quer atender, mas as pessoas insistem. Ele concorda, começa a distribuir para todos, mas a porta continua fechada.

Em Pefini só existe uma rua alcatroada. O autocarro circula até às 18h, as mulheres montam bancas de comércio para aproveitar o movimento. Vendem mangos, mancarra. Dipolina Soares é uma delas. Solteira, 39 anos, não tem outra forma de ganhar a vida. Desconfiada, mostra o papel da Câmara Municipal para o levantamento da licença de venda, a credencial definitiva não foi entregue. Depois, mais descontrada, percebe que não há fiscais:

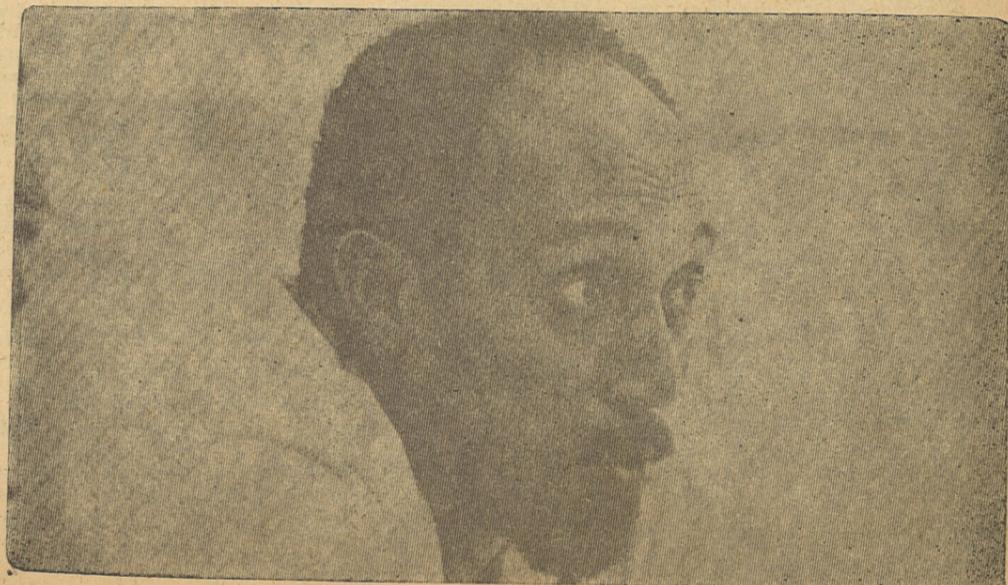
«Não tenho outra forma de viver. Hoje vendo mangos, amanhã outra coisa qualquer. Tenho pouco lucro, mas sempre ajuda. Meu marido morreu há muito tempo e agora vivo com o meu sobrinho».

O comité de bairro não foi reestruturado desde sua criação. Os dirigentes foram designados pela direcção do Partido, a hierarquia continua a ser a mesma: presidente, responsável por assuntos sociais e higiene, encarregado das actividades culturais, tesoureiro. Um dos trabalhos do comité é politizar a população para que escolha os seus representantes no próximo congresso.

UM TRIBUNAL POPULAR

Outro projecto do comité é criar um tribunal popular. Os integrantes seriam indicados pela direcção do comité, que apresentará uma proposta ao Comissariado da Justiça pedindo a sua nomeação. Enquanto isso não for organizado, funciona provisoriamente uma secção de justiça onde são resolvidos casos sem importância. As questões que ultrapassam a competência do comité são

(Continua na pág. 6)



Dia da Nigéria

O embaixador nigeriano na Guiné-Bissau, Ciril Uchuno, ofereceu uma recepção no salão Associação Comercial, no sábado à noite, para comemorar o dia nacional da Nigéria. Um grande número de pessoas compareceu à recepção, com início marcado para as 19h. Entre elas, o Vice Presidente do Conselho de Estado e Chefe do Estado Maior das FARP, Umaro Djaló, o Comissário dos Transportes, Otto Schacht, o Comissário da Justiça, Fidélis Almada e representantes do corpo diplomático na Guiné-Bissau.



Aspecto da recepção na Embaixada da Nigéria

Técnicos da O. M. S.

Inicia-se hoje um trabalho de programação de planificação da saúde no nosso país. Será orientado por dois funcionários da Organização Mundial da Saúde — O.M.S. — que vêm trabalhar no Comissariado da Saúde e Assuntos Sociais durante três semanas e chegaram ontem a Bissau. As reuniões serão realizadas no Comissariado de Agricultura e Pecuária, a partir das 9 horas.

Exposição de Fotos e filmes chineses

Foi inaugurada ontem à tarde no salão da Udib, uma exposição de fotos, da embaixada da República Popular da China no nosso país. A mostra fotográfica é sobre os êxitos da revolução e construção socialista da China. Retrata a vida e obra do Presidente Mao Tsetung, trabalhos anti-sísmicos de assistência, educação, assistência sanitária, agricultura e indústria. Também mostra as actividades da mulher na China, da educação física e desportos naquele país.

Inclui as fotos da visita do camarada Víctor Saúde Maria, Comissário dos Negócios Estrangeiros à China. A referida exposição está aberta ao público das 15h às 18h e das 18h 30min, às 20h 30 min.

Também, nesta semana, de segunda a sábado, a embaixada projectará uma série de filmes, à tarde e à noite, sobre a luta do Exército Popular de Libertação contra o Kuomintang e a invasão japonesa durante a Segunda Guerra Mundial.

Comissário dos desportos na China

Uma delegação do Comissariado da Juventude e Desportos seguiu sábado para a República Popular da China — a convite da Comissão da Cultura Física e Desportos. O grupo é chefiado pelo comissário da Juventude e Desportos, Adelino Nunes Correia, que viajou acompanhado por Avito José da Silva, presidente da Federação do Desporto e Julião Lopes, comandante da Marinha de Guerra e director do Sport Clube e Benfica.

BAIRROS DE BISSAU

PEFINI: UM COMITE PARA CINCO BAIROS

(Continuação das centrais)

enviadas à secção de justiça da Polícia e Ordem Pública.

Os problemas de maior importância são discutidos sempre nos comícios, onde a população dá opinião. As reuniões realizam-se, semanalmente, aos domingos, em regime de rotação entre bairros que formam o comité. Mas o presidente está preocupado com a falta de participação popular, tanto dos simpatizantes como dos militantes. E isso tem uma causa objectiva: o trabalho na lavoura. Às terças há reunião da secção encarregada de contactar com os moradores do bairro para apresentar os problemas e dificuldades, colocadas por eles, aos responsáveis do Comité. Nas quartas e quintas, aulas políticas orientadas pelos delegados do Par-

tido no Comité.

A Organização de mulheres do bairro, apesar da orientação dinâmica da camarada Domingas Gomes considerada o braço direito do Comité, também está com problemas de participação por causa da lavoura. No início, iam tantas mulheres à reunião que ela precisava ser realizada ao ar livre, na sombra de um mangueiro. Dentro do Comité não havia espaço suficiente. Quase todas participavam nas campanhas de limpeza do bairro ou em outro qualquer serviço onde fosse necessária colaboração. Fizeram, inclusivé, uma limpeza total no Hospital Simão Mendes, no Quartel General e estiveram integradas na campanha de alfabetização.

É, no entanto, nas actividades da Juventude que o

Comité enfrenta o maior problema. Há um desinteresse total por parte dos jovens. Para tentar integrá-los participativamente, os responsáveis adotaram um novo sistema de trabalho mais moderado, que exige menos tempo. Procuram ainda evitar reuniões prolongadas de crítica e auto-crítica que amedronta um pouco alguns jovens com pouca consciência política.

As actividades dos jovens limitam-se à projecção de filmes para angariar fundos e superar necessidades financeiras do Comité, trabalhos voluntários de limpeza, além da participação em torneios desportivos. A juventude colabora também com a preparação do jornal mural fixado na sede do Comité, organizado com recortes do NÔ PINTCHA e textos variados.

ANUNCIOS

Convocatória

Assembleia Geral Ordinária

Nos termos da Lei e dos Estatutos é convocada a Assembleia Geral da Companhia Industrial de Cervejas e Refrigeração da Guiné, S.A.R.L., para reunir na sua sede em Bissau, no dia 21 de Outubro de 1976, pelas 11h, com a seguinte ordem do dia: Discutir e aprovar ou modificar o balanço e contas do exercício de 1975 e, bem assim, o relatório do Conselho de Administração; Deliberar sobre o preenchimento dos lugares vagos dos corpos sociais da empresa; Deliberar sobre a alteração dos Estatutos; Deliberar sobre quem intervirá, em representação da sociedade nos actos notariais a dar cumprimento ao antes deliberado; Deliberar sobre qualquer outro assunto de interesse para a Sociedade.

Em representação da Sociedade Central de Cervejas

S.A.R.L.

Deslandes Eusébio Marques de Carvalho Luis Alberto Caldeira

NO PINTCHA

Trisemanário do Comissariado de Informação e Turismo — Sai às terças, quintas e sábados. Serviço Informação das Agências; AFP, APS, TASS, ANOP e Prensa Latina. Redacção, Administração e Oficinas, Avenida do Brasil. Telefones: — Redacção 3713/3728. — Administração e Publicidade — 3726. Assinatura — (Via Aérea) Guiné-Bissau e Cabo Verde: Um ano ... 400,00 Seis meses ... 250,00 Outros Países Africanos e Portugal: Um ano ... 500,00 Seis meses ... 350,00 Serviços de Distribuição e Venda, do «Nô PINTCHA» — Caixa Postal, 154. BISSAU — GUINÉ-BISSAU

FARMACIAS

HOJE — Moderna — Rua 12 de Setembro, telef. 2702. AMANHA — Central — Rua Vitorino Costa, telef. 2453.

TELEFONES

Hospital «Simão Mendes» — 2888/2867. Bombeiros — 2222. POLICIA; 1.ª Esquadra 3333 — 2.ª Esquadra — 3444 CORREIOS; — Informação 2600 — Radiodifusão Nacional 2430 — Aeroporto/4 — TAP 3991/3 — TAGB 3004 — Aeroflot 2707 — Air Argelie 3775/7. SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS; Aguas e Electricidade 2411 — (das 7h às 17h) Assistência à rede eléctrica 2414 — (das 16h às 24h). Chegadas e partidas de navios — 2922/5

RADIO

SÁBADO — Primeiro Período de emissão: 5h 55min — Abertura da estação; 6h — Canções da nossa terra; 6h 10min — Programa em lingua/Mandinga e Fula; 7h — Noticiário/português/criolo; — Actualidades sonoras rep. 8h — Fecho da estação.

Segundo período de emissão 11h 55min — Abertura da estação; 12h — Fim de semana; 13h — Música crioula; 13h 15min — Noticiário/português/criolo; 13h 30min — Amílcar Cabral — O Homem e a Sua Obra (criolo); 13h 45min — Protesto; 15h — Fecho da estação.

Terceiro período de emissão 16h 55min — Abertura da estação; 17h — Noticiário/português/criolo/linguas; 17h 30min — Programa em linguas Balanta e Manjaco; 18h 45min — Agenda do dia; 19h — Resistência cultural; 20h — Noticiário/português/criolo 20e 30min — Mornas e coladeiras; 21h — Actualidades sonoras; 22h — Música variada 23h — Tempos novos; — 24h Fecho da estação.

DOMINGO — Primeiro Período de emissão: 5h 55min — Abertura da estação; 6h — Canções da nossa terra; 6h 10min — Programa em lingua/Fula; 7h — Noticiário/português/criolo; — Actualidades sonoras rep.; 8h — Educação sanitária; 9h — Selecção musical; 10h — Ligação à Sé catedral (missa); 10h 45min — 2 curpo l corson; 12 — Fala di África 23h — Música crioula; 13h 15min — Noticiário/português/criolo; 13h 30min — Amílcar Cabral — O Homem e a Sua Obra (português); 13h 45min — Noites africanas; 14h 15min — Programa em lingua Biafada e Manjaco; 15h — Fecho da estação.

16h 55min — Abertura da estação; 17h — Noticiário português/criolo; 18h — Programa em linguas Fula e Mandiga 18h 45min — Agenda do dia; 19h — A semana no mundo; 20h — Noticiário/português/criolo; 20h 30min — Programa em lingua Balanta; 21h — Actualidades sonoras; 22h — Onda semanal; 23h — Tempos novos; 24h — Fecho da estação.

SEGUNDA-FEIRA — Primeiro Período de emissão: 5 55min — Abertura da estação; 6h — Canções da nossa terra 6h 10min — Programa em lingua/Mandinga; 7h — Noticiário/português/criolo; —Actualidades sonoras rep.; 8h — Fecho da estação.

Segundo período de emissão 11h 55min Abertura da estação; 12h — Canções Manjaca; 12h 20min — Selecção musical; 13h Música crioula, 13h 15min — Noticiário/português/criolo; 13h 30min — Amílcar Cabral — O Homem e a Sua Obra (português); 13h 45min — Programa da mulher; 15h — Fecho da estação.

Terceiro período de emissão 16h 55min — Abertura da estação; 17h — Noticiário português/criolo/linguas; 18h 45min — Agenda do dia; 19h — Ano I de organização; 20h — Noticiário/português — ciolo; 20h 30min — Prevenção rodoviária (criolo) 21h — Actualidades sonoras; 22h — Catavento 23h — Tempos novos; 24h — Fecho da estação.

CINEMA

HOJE — Às 18h 30min. — filme a anunciar. Às 20h 45min — filme chinês «Brilhante Estrela Vermelha». AMANHA — Às 20h 45min — filme chinês «Guerrilha»

Cuba: Eleições para assembleias municipais

HAVANA (AFP) — Mais de 90 por cento dos eleitores inscritos participaram no domingo na primeira volta das eleições dos delegados para as assembleias municipais.

São as primeiras eleições municipais organizadas desde o início da Revolução, em 1959.

30 mil candidatos apresentaram-se nesta primeira volta para disputar os dez mil e 742 lugares das 160 assembleias municipais. Estes candidatos tinham sido eleitos no fim de Agosto último, durante reuniões de bairros e de «vizinhos», depois de terem sido propostos pelos próprios habitantes. Nenhum candidato representará uma organização de massas, um sindicato, um movimento da juventude ou o Partido Comunista. O único critério é a «qualidade moral, política e revolucionária» do futuro delegado.

Estes delegados municipais, que são os primeiros representantes directos — eleitos por voto livre e secreto — da população cubana, terão por tarefa resolver a totalidade dos problemas que se põem, a nível da localidade, no plano social e económico.

A instalação destas assembleias municipais é a primeira etapa do processo de institucionalização da Revolução cubana. Estas assembleias funcionarão, pela primeira vez, a 31 de Outubro próximo para elegerem por seu turno o «Comité Executivo», bem como os delegados para as assembleias provinciais, segunda etapa do poder popular.

3901 CANDIDATOS DO SEXO FEMININO

HAVANA (ADN) — Os escritórios telegráficos de Cuba obtiveram êxito no fim de semana passado. Uma repetição geral importante: cerca de quatro mil telefonistas, telegrafistas e técnicos repetiram, segundo um

programa exacto, a transmissão das informações com vista às eleições, porque se tratou de transmitir rapidamente os mais recentes resultados das eleições das 169 circunscricções urbanas e rurais, em Havana.

Para apresentar cerca de 29 mil e 100 candidatos à população, foram afixados publicamente as suas biografias e retratos. Mais de um terço tem menos de 30 anos, e 3901 candidatos são do sexo feminino.

Numerosos cidadãos, colectividades de empresas ou de habitação declararam, nas suas tomadas de posição, que manifestarão, com a sua participação nas eleições, o seu firme empenho ao Estado socialista. Enquanto uns decidiram ir no conjunto aos locais de voto, outros foram às urnas cedo. O operário naval, Manuel Padron Rodriguez, de Havana, convidou os trabalhadores de todo o país a juntarem o seu voto a empreendimentos concretos, no domínio da consolidação económica.

Será a primeira vez, na história cubana, que os trabalhadores poderão delegar para os órgãos do poder de estado colegas e camaradas dos seus colectivos. Antes da Revolução de 1959, o povo só servia no segredo para as campanhas eleitorais dos antigos dirigentes do país, que foram os proprietários das plantações e banqueiros. De facto, nenhum operário tinha, na época, o seu nome nas listas eleitorais, e havia milhões de analfabetos.

Angola — URSS

Assinado um tratado de amizade e cooperação

MOSCOVO (TASS) — Foi assinado, no Kremlin, um tratado de amizade e de cooperação entre a União Soviética e a República Popular de Angola.

O tratado soviético-angolano, assinado por Leonid Brejnev, secretário-geral do Comité Central do PCUS, e Agostinho Neto, Presidente do MPLA, prevê a cooperação entre os dois Partidos e governos nos campos económico, científico, técnico, cultural e outros, na base do respeito da soberania, da integridade territorial, da não-ingerência nos assuntos internos, e da igualdade. As duas partes continuarão a lutar pela paz no mundo inte-

ro, pelo aprofundamento do desanuviamento internacional e a sua materialização, nas forças concretas de cooperação reciprocamente vantajosa entre os estados, pela resolução dos problemas internacionais por via negociada, pela conclusão do tratado mundial de não-recorso nas relações internacionais e pelo desarmamento geral.

O tratado soviético-angolano prevê a extensão e aprofundamento da cooperação económica, técnica e científica, do comércio e do desenvolvimento de contactos nos domínios da arte, literatura, ensino, saúde, imprensa, rádio, cinema, televisão, turismo e desporto.

No interesse da consolidação da capacidade de defesa, os dois países continuarão a desenvolver a cooperação no plano militar.

A União Soviética e Angola prosseguirão a luta pela supressão definitiva do racismo e do «apartheid», pronunciando-se pela aplicação integral da declaração da ONU sobre a concessão da independência aos países e povos coloniais.

Cooperação entre eles, e com os outros estados amantes da paz, para apoio da justa luta dos povos, a favor da sua soberania, liberdade, independência e progresso social. O tratado foi assinado por um período de 20 anos.

Conferência sobre o desenvolvimento

A via capitalista não contribui para uma independência económica real

BUDAPESTE (TASS) — Abriu em Budapeste, no Palácio dos Sindicatos, a conferência mundial sobre o Desenvolvimento convocada por iniciativa do Conselho Mundial da Paz.

A conferência conta com a presença de mais de 100 países dos cinco continentes e representantes de 30 organizações internacionais. Os delegados estão reunidos na capital húngara para fixar um programa de acção comum no quadro da luta travada para assegurar a paz e a segurança na terra, o progresso dos países em vias de desenvolvimento.

Romesh Chandra, secretário-geral do Conselho Mundial da Paz, apresentou um relatório aos delegados. Esta conferência sobre o desenvolvimento, disse, é o primeiro «forum» da opi-

nião mundial, que trata exclusivamente dos problemas da luta travada pelos países em vias de desenvolvimento, para o progresso económico, contra o neo-colonialismo. A conferência releva as obrigações e responsabilidades dos povos, do movimento dos partidários da paz, dos partidos políticos, dos sindicatos e de todas as organizações públicas, na luta comum contra a miséria e a fome, pelo desenvolvimento e independência económica nos países ontem colonizados.

É significativo que a conferência se realize na capital da Hungria socialista, sublinhou Romesh Chandra. A República Popular da Hungria é membro da comunidade socialista, onde a União Soviética é figura de proa. A URSS e os ou-

tros países socialistas são os melhores amigos dos países em vias de desenvolvimento, e continuarão a sê-lo no futuro.

A nossa conferência tratará, em resumo, dos meios de se desenvolver economicamente os países, observou Romesh Chandra. A via capitalista não contribui para se chegar a uma independência económica real. A maioria dos países em vias de desenvolvimento são submetidos pela própria experiência desagradável. A orientação socialista da economia destes países tem um significado decisivo no que diz respeito ao progresso. A unidade dos países em vias de desenvolvimento, os seus laços com os países socialistas e com as forças democráticas dos países capitalistas evoluídos, é a garantia de êxito.

NAÇÕES UNIDAS (AFP) — O Comité Especial da ONU Contra o «Apartheid» recomenda, no seu relatório anual, que seja organizada no próximo ano, na «capital de um país africano totalmente empenhado na libertação da África do Sul, uma conferência mundial «para uma acção contra o «apartheid»». O relatório sublinha que o Comité aceitou uma proposta da Nigéria sugerindo que a conferência se realize em Lagos, sob a égide do Comité Especial da ONU em cooperação com a Organização da Unidade Africana e movimentos de libertação sul-africanos. O relatório, que foi enviado à Assembleia Geral da ONU e ao Conselho de Segurança também, recomendou o embargo de armas destinadas à África do Sul, e o «reconhecimento do direito aos povos oprimidos da África do Sul de recorrerem à utilização das armas».

Comunicado da Polisario

ARGEL (AFP) — As forças do Exército Popular de Libertação Sahariana atacaram com êxito, a 2 de Outubro, uma unidade marroquina em Iwataf, a 80 quilómetros a sul de Tan-Tan. Os marroquinos perderam cinco combatentes, entre os quais o capitão Hammouni e o adjunto Abdel Madjid. Foram feridos 25 e foram feitos três prisioneiros», declarou um comunicado da Polisario publicado na sexta-feira à noite, em Argel. «No mesmo dia, em Ras-Aid, uma unidade sahariana levou a cabo uma operação durante a qual as Forças Armadas Reais marroquinas perderam 41 soldados e tiveram 22 feridos. Foi recuperado um importante material. Quatro combatentes saharianos caíram no campo de batalha ao defender a justa causa do seu povo».

Espanha - EUA acordo secreto

WASHINGTON (TASS) — Baseando-se em fontes oficiais, o jornal «Washington Post» escreve que os Estados Unidos e Espanha assinaram um acordo secreto, em virtude do qual as autoridades militares dos Estados Unidos ganharam o direito de utilizar os aeroportos espanhóis assim como as bases militares para o desembarque das armas americanas. «Itinerário espanhol» se utilizou sobretudo para entregas de armas americanas a Israel, bem como alguns países do Médio Oriente, e estados africanos.

Liberdade para os prisioneiros do "apartheid"!

MOSCOVO (TASS) — Toda a humanidade progressista assinalou ontem o dia de solidariedade com os detidos políticos na África do Sul, organizado a pedido do Comité Especial da ONU de Luta contra o «Apartheid». Este dia tradicional coincidiu este ano com as intervenções massivas da população local contra o regime racista de Vorster.

Desenrolaram-se, pelo quarto mês consecutivo, manifestações e greves no

principal bastião do racismo na África Austral.

Os 19 milhões de africanos exigem o termo do sistema monstruoso do «apartheid», que priva milhões de cidadãos africanos na África do Sul, de circular livremente no interior do seu país, de escolher o local de residência e de trabalho. Os negros e mestiços são objecto de uma discriminação flagrante: na indústria mineira um africano ganha oito vezes menos que um operário branco. Na in-

dústria de transformação, o salário dos negros não representa mais que cinco por cento do salário dos brancos.

A taxa de desemprego na África do Sul aumenta de ano para ano. Segundo as estatísticas oficiais, um africano em cinco está desempregado. A mortalidade da população local é muito elevada: cerca de metade das crianças africanas morrem de fome e de doença antes de atingir a idade de cinco anos.

Os combatentes contra o

«apartheid» exigem a paragem, de uma vez por todas, deste estado de coisas insuportáveis, a liquidação do regime do racismo e do «apartheid».

As autoridades de Pretória respondem a estas exigências legítimas com a violência e repressões sangrentas. Segundo dados incompletos, desde 16 de Junho último, primeiro dia de manifestações massivas anti-racistas na África do Sul os assassinos de Vorster mataram, no total, mais de mil

africanos. Mais de dois mil manifestantes sem armas foram feridos, a polícia fez mais de cinco mil prisões. O número dos presos políticos na África do Sul ultrapassa os 100 mil.

Só nas últimas semanas, 850 combatentes pela liberdade foram presos. Estes foram Terence Tayrona, secretário-geral da organização dos estudantes sul-africanos, e personalidades eminentes das organizações sindicais, da juventude, das mulheres, etc.

Encontro de Ministros de Educação de ex-colónias portuguesas em Bissau uma sugestão do pedagogo Paulo Freire

Os Ministros da Educação das antigas colónias portuguesas da África poderão participar numa reunião conjunta em Bissau no próximo ano. Essa proposta foi apresentada pelo pedagogo brasileiro Paulo Freire e aprovada pelo Comissário da Educação, Mário Cabral, que a submeteu ao Conselho dos Comissários. No caso da Comissão de Alfabetização também concordar, já começaram a ser feitos os primeiros contactos.

Mário Cabral analisou várias implicações desse encontro, ontem à tarde, numa reunião da Comissão Nacional da Alfabetização. O Comissário Principal, Francisco Mendes, compareceu à sala de reuniões do Comissariado da Agricultura para presidir a esta terceira reunião das alfabetizadores da Guiné-Bissau. Após uma análise pormenorizada das falhas do trabalho de alfabetização nas diversas regiões do país, Mário Cabral fez algumas propostas.

Um dos projectos é o debate sobre alguns aspectos da educação e alfabetização com responsáveis dos outros países africanos de expressão portuguesa. Mário Cabral foi claro ao afirmar que isso não é apenas uma questão da língua,

mas também das opções políticas de Angola, Moçambique, São Tomé, Cabo Verde e da Guiné-Bissau. A realização desse objectivo permitirá pôr em prática no aspecto da educação, a proximidade existente entre esses países desde a época da luta de libertação nacional.

O encontro deverá realizar-se em Bissau em Outubro ou Novembro do próximo ano. Conforme a sugestão apresentada por Paulo Freire, cada país deverá uma delegação de três responsáveis, incluindo o Ministro. Essa reunião deve durar entre 15 e 20 dias os Ministros só comparecerão na parte final dos trabalhos, nos últimos sete dias.

Ainda no encontro de ontem, Mário Cabral apresentou uma síntese das actividades da alfabetização. Através das experiências já iniciadas, o Comissário citou as deficiências e apresentou quatro propostas para serem submetidas ao Conselho dos Comissários. Uma delas relaciona-se com a extinção do Comissariado de Juventude e Desportos. A equipe de alfabetizadores pretende que, após a extinção desse Comissariado, a Direcção Geral de

Arte e Cultura passe para a Educação. De acordo com o novo projecto ela deveria englobar vários departamentos: alfabetização de adultos, actividades políticas e extra escolares.

A criação de um fundo para a alfabetização é outro aspecto que deverá ser exposto ao Conselho dos Comissários. Esse fundo seria constituído a partir de uma verba de dois a cinco por cento do imposto de reconstrução nacional e destinada a Alfabetização. Ao mesmo tempo a União Nacional de Trabalhadores também poderia colaborar no mesmo sentido concedendo uma verba de cinco por cento sobre os impostos pagos para o Sindicato.

Mário Cabral ainda analisou mais dois pontos ligados à orgânica interna dos grupos de alfabetização. Por isso, pedirá ao Governo para destacar oficialmente, através de despachos ou nomeações, funcionários dos Comissariados da Agricultura e Saúde e Assuntos Sociais para serem integrados na Comissão de Alfabetização. Numa proposta semelhante pediu que seja instituída uma obrigatoriedade de coordenação de todos os planos de desenvolvimento. A finali-

dade dessa sugestão é obter uma participação maior entre todos os comissariados nas actividades, através da informação, do debate e de acções conjuntas em vários sectores.

Após algum tempo de actuação em diferentes regiões do país, a Comissão de Alfabetização fez uma autocritica sobre as insuficiências do seu trabalho. Antes disso, o Comissário Principal, Francisco Mendes, falou com os alfabetizadores. Ele já havia assistido à última reunião do grupo e, desta vez, falou na abertura do encontro. «O nosso Governo conta com o vosso trabalho. Nós sabemos que a alfabetização é um meio de desenvolvimento para o país e que os nossos planos futuros não poderão ser postos em prática sem a alfabetização do nosso povo.»

Chico Té procurou apoiar o trabalho desenvolvido pelos alfabetizadores com a ajuda do IDAC, Instituto de Acção Cultural-dirigido por Paulo Freire.

Ele considerou que nesta fase a tarefa da alfabetização deve ser enquadrada de acordo com o desenvolvimento geral da cultura, numa perspectiva de continuidade da luta de libertação:

Alfabetizar não deve

ser um trabalho imposto. A transmissão do conhecimento deve partir da própria realidade do povo, deve agir de acordo com os interesses e as necessidades das camadas populares. A alfabetização é um elemento importante no quadro geral de desenvolvimento sócio-económico da Guiné-Bissau. Por isso deve intimamente ligada as populações das tabancas, ao agricultor da nossa terra.

Ao analisar a política do Governo em termos de Educação, o Comissário Principal abordou outras questões. Falou da importância de uma política de massas no sector da educação, na aplicação dos princípios do Partido para elevar o nível cultural da população. Da alfabetização como uma etapa de uma luta prolongada, como prolongamento de um processo de libertação:

— Aos poucos procuraremos superar muitas dificuldades que possuímos actualmente. Estamos numa fase difícil, num momento em que é necessário recuperar todo o atraso deixado pelo colonialismo. Talvez os nossos filhos possam falar, mais tarde desta tarefa que hoje nós estamos realizando.

RPA — A República Popular de Angola e a República Popular do Benin estabeleceram relações diplomáticas, soube-se oficialmente em Luanda.

RACISMO — O capital monopolizador da RFA continua a multiplicar os seus contactos económicos com o regime racista da África do Sul, condenada pela opinião mundial. Segundo o semanário «Deutsche Volkszeitung», mais de 400 filiais das maiores empresas e bancos da RFA funcionam actualmente na RSA. O montante dos seus investimentos atinge 3,5 bilhões de marcos.

ESTUDANTES Realizar-se-á de 15 a 18 de Dezembro próximo em Dar-Es-Salam, uma conferência de estudantes africanos, anunciou-se ontem na capital tanzaniana. As uniões dos estudantes de todos os países africanos e movimentos de libertação reconhecidos pela OUA, que assistirão à conferência, discutirão problemas ressaltantes às acções unitárias da juventude africana.

PORTUGAL-URSS — As relações entre Portugal e a União Soviética desenvolvem-se com êxito. Partem da observação rigorosa de ambas as partes do princípio de não-ingerência nos assuntos internos recíprocos, declarou Mário Neves, embaixador da República Portuguesa na URSS, numa entrevista concedida ao jornal «Diário de Notícias».

Contra as manobras imperialistas em Africa

No limiar entre os anos 60 e 70, um numeroso grupo de peritos elaborou nos recônditos do Departamento do Estado dos EUA um relatório secreto, conhecido hoje sob o nome de «Memorando-39». Este relatório analisava a situação em África e continha as concepções fundamentais da política africana dos E.U.A. que tem por objectivo assegurar uma defesa eficaz dos interesses económicos e estratégicos dos E.U.A. nas condições da crescente luta de libertação nacional.

O memorando dedicava a principal atenção não à situação calamitosa de milhões de africanos nem as dificuldades económicas dos jovens Estados libertados do continente, mas sim aos problemas políticos da África Austral que «afectam um vasto círculo de interesses americanos». Os autores do documento recomendavam cinicamente «resolver» estes problemas através de uma cooperação «secreta» com os regimes racistas e um

modesto aumento da ajuda à África negra.

Os autores do relatório recomendavam também que o Governo americano, mantendo oficialmente o embargo aos fornecimentos de material de guerra à RSA, se permitisse uma «atitude mais liberal» para com o fornecimento de «equipamentos de utilização dupla» que podiam ser empregados tanto para fins militares, como civis. Não foi em desenvolvimento destas recomendações que o governo

dos EUA sancionou a venda pela companhia «General Electric» de dois reactores nucleares ao regime racista da RSA? Esta decisão dos EUA provocou uma tempestade de indignação e repulsa nos países africanos independentes.

Elaborando as orientações a longo prazo da política americana em África, os autores do relatório partiam de que «os brancos ficariam aqui (na África Austral) e que as mudanças construtivas se realizariam só por seu intermédio».

O surgimento no mapa político do mundo da República Popular de Angola e da República Popular de Moçambique, cujos povos obtiveram a independência

em consequência da vitoriosa luta anti-imperialista mostrou que também desta vez os políticos americanos subestimaram a aspiração dos povos à liberdade e independência, não levaram em conta o processo libertador que tomou conta do continente africano.

Não valeria a pena de termos tão detalhadamente no «Memorando-39» se não fossem os longos comentários surgidos na imprensa ocidental que apreciam a recente viagem de Kissinger ao «continente negro» como uma «viragem» na política americana em África e como um testemunho da «súbita» atenção dos EUA aos assuntos africanos. Como vemos, no entanto, estas afirma-

ções não têm fundamentos.

Os interesses dos monopólios americanos ameaçados em consequências do ulterior ascenso do movimento de libertação nacional no continente, a intensificação da luta anti-imperialista provocada pela queda do sistema colonial português e, finalmente, os planos estratégicos do Pentágono e da NATO — eis as verdadeiras causas que levaram o governo americano a intensificar a sua actividade em África.

Perseguiam os mesmos objectivos também as propostas apresentadas por Kissinger no decorrer da conferência da UNCTAD que encerrou recentemente em Nairobi.

DESEMPREGADOS

Em Setembro último contavam-se 11,5 milhões de americanos entre os desempregados ou desempregados parciais. Embora o número dos desempregados tenha diminuído neste período em 100 mil para atingir 7,4 milhões (ou seja 7,8 por cento de trabalhadores), o número dos desempregados parciais aumentou. O número dos «operários desencorajados» que deixaram de procurar um emprego, foi de 817 mil em Setembro. 2,3 milhões de trabalhadores estão sem emprego há quatro meses, ou mais. O desemprego registado entre os jovens de 16 e 17 anos é na ordem de 21 por cento, e entre os jovens afro-americanos é de 40 por cento.